

Herança desperdiçada. Professores lutam para garantir algumas tradições às próximas gerações

Censo mostra índios cada vez mais distantes de sua cultura

FOTOS: RICARDO MEDEIROS

Ninguém mais fala tupi-guarani na aldeia de Aracruz visitada ontem pelo Censo 2010

FREDERICO GOULART
fgoulart@redegazeta.com.br

Logo na chegada, o estridente som do rádio a tocar uma música de axé denuncia: a Terra Indígena de Comboios, no município de Aracruz, no Norte do Estado, nem de longe nos faz lembrar o cenário de uma aldeia tradicional. Na visita realizada ontem por recenseadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para coleta de dados do para o Censo 2010, a constatação foi uma só: cada vez mais as tribos do Estado se afastam de sua cultura.

O acesso não é simples. Após uma travessia de barco a motor pelo Rio Comboios - que separa a Vila do Riacho da aldeia -, os quatro técnicos do IBGE chegaram aos 3,8 mil hectares da Aldeia de Comboios. O desenvolvimento passa longe dali. No entanto o conceito indígena de subsistência - restrito à caça, à pesca e à plantação próprias - também não é algo próximo aos moradores.

Comboios é uma das sete aldeias que abrigam cerca de 3,2 mil índios em Aracruz. Nella, vivem hoje 519 pessoas, sendo que 470 são indígenas, segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai).

LÍNGUA

A aldeia visitada ontem pelos recenseadores é uma das quatro da etnia tupiniquim, a que mais sofreu com a des-



CURIOSIDADE. Crianças mostram interesse no computador de mão usado por recenseadora, mas já estão acostumadas com celular

Raio-X da região

ALDEIAS

Em Aracruz, sete aldeias formam o território indígena, com uma população de 3,2 mil índios, segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai)

AS ALDEIAS DA ETNIA GUARANI

- Piraqueaçu
- Três Palmeiras
- Boa Esperança

DA ETNIA TUPINIQUIM

- Caeiras Velha, a que tem mais moradores: 1,5 mil
- Irajá (que contém um povoado chamado Areal)
- Pau-Brasil (que contém um povoado chamado Olho D'água)
- Comboios (que contém o povoado Córrego D'Ouro) foi a que ontem recebeu a visita dos recenseadores. A aldeia é formada por 519 pessoas, sendo 470 índios



Aldeia sem ocas, mas com celular



go próximo aos moradores. Comboios é uma das sete aldeias que abrigam cerca de 3,2 mil índios em Aracruz. Nella, vivem hoje 519 pessoas, sendo que 470 são indígenas, segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai).

LÍNGUA

A aldeia visitada ontem pelos recenseadores é uma das quatro da etnia tupiniquim, a que mais sofreu com a descaracterização das últimas décadas. De poucas palavras, o cacique Francisco Coutinho, de 66 anos, observa que na região, hoje, ninguém mais fala o tupi-guarani. Nem mesmo ele, a quem foi preciso pedir permissão para a presença do IBGE e da imprensa na região.

A maior parte dos moradores mantém contato com a civilização. O cultivo da mandioca continua sendo a principal atividade da vila. "Antes, nós também plantávamos abóbora, mas, em função da má qualidade da terra, isso acabou", diz Thimaré Coutinho, de 29 anos.

CESTAS BÁSICAS

Como forma de contribuição, a Funai chega a distribuir cerca de 60 cestas básicas mensais para as famílias mais carentes - em que nenhum dos membros têm nenhum tipo de renda.

"Muitos dos índios também sobrevivem com programas sociais do governo como o Bolsa-Família", diz a recenseadora Enilza Gonçalves.

Sobre os motivos para a perda de cultura, os moradores mais antigos responsabilizam as grandes empresas, que, segundo eles, tomam terras que lhes pertencem. Ainda que isso aconteça, grande parte da estrutura da vila que se montou no local é financiada pela Aracruz Celulose, além da prefeitura do município.



A língua que se perde...

“Na nossa comunidade, hoje, não há ninguém mais que fale o tupi-guarani.”

FRANCISCO COUTINHO

66 anos, cacique da Aldeia de Comboios



... e a cultura que se aprende

“É muito legal aprender a fazer esse artesanato indígena que estou aprendendo. É divertido.”

JAIANE MORAES

Estudante, 8 anos, moradora da Aldeia de Comboios, durante aula

Média

6 pessoas por família

Essa é a quantidade de pessoas que, em média, forma as famílias indígenas da região do município de Aracruz, na Região Norte do Espírito Santo, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Conhecimento transmitido pena a pena

Pena a pena, que aplica para enfeitar mais um dos cocares que produz, Deusdeia de Souza vai se esforçando para transmitir o conhecimento que seus antepassados lhe deixaram de herança às crianças que estudam na escola da Aldeia de Comboios, em Aracruz. "Todas as aldeias



tupiniquins se perderam quando entraram as empresas, desmatando. Além disso, os mais velhos não foram repassando seus conhecimentos aos novos, e por isso chegamos a esse estado", disse ela, também conhecida como Yara Tupã (deusa das águas). Para fazer seu papel e dar sua dose de contribuição nesse resgate, Deusdeia ensina a cultura artesanal indígena às crianças. "Nosso conhecimento precisa ser transmitido", reforça.



POR RIO. Equipe do IBGE teve de usar barco para chegar à aldeia

O grande objetivo do IBGE com os indígenas no Estado, a partir do Censo 2010, é conseguir detalhar quantos ainda falam sua língua nativa, o tupi-guarani. Além dos 3,2 mil que moram na região de Aracruz, 12 mil índios vivem em outras regiões do Estado.

Quando o entrevistado se declarar indígena, ele será questionado sobre o assunto. Segundo o cacique Francisco Coutinho, a Aldeia de Comboios, em Aracruz, não tem nenhum morador que ainda fale o tupi-guarani.

Nas escolas, se não fosse o esforço de alguns membros da comunidade, as crianças do local nem sequer teriam contato com o idioma.

Mas esse não é o único sinal de descaracterização da cultura indígena: casas de alvenaria no lugar de ocas, central para tratamento de água, postes, índios portando relógios e aparelhos de telefone celular não são difíceis de serem encontrados no local. Dentro da vila, não há comércio, mas a maior parte dos moradores trabalha fora dali.

A Aldeia de Comboios foi a última da região de Aracruz a receber o grupo de recenseadores. Os trabalhos ali devem terminar no dia 15 de outubro. Para fazer a pesquisa, os profissionais receberam um manual para que pudessem estudar formas de entrar e se portar nas aldeias.



O orgulho de falar e ensinar a língua-mãe

Uma das últimas vozes a entoar o tupi-guarani na Aldeia de Comboios, em Aracruz, Janaína Pereira da Silva, de 24 anos, conhecida na comunidade como Takumã (tronco de barco), trabalha na dura missão de resgatar a

cultura tupiniquim e incorporá-la à vida das crianças do local. Desde 2000, ela dá aulas da língua-mãe dos índios com o objetivo de reaproximar a comunidade de sua cultura. Outros seis professores formados, provenientes da Aldeia Pau-Brasil, também em Aracruz, estão nessa missão. "Considero que estamos fazendo algo muito importante. É um grande orgulho", diz Janaína.